

# Associação quer investigar erro médico

LINA DE ALBUQUERQUE

A SOS Erro Médico, uma associação criada por familiares de vítimas de negligências, imperícias e imprudências médicas, completa o seu primeiro mês de funcionamento nesta semana. Instalada provisoriamente numa clínica para deficientes cedida pela irmã da vice-presidente Edna Audi — que diz ter perdido o filho de três anos por causa de um diagnóstico errado —, a SOS já recebeu 800 denúncias contra profissionais de saúde. Entre um e outro telefonema, a entidade tem também sido alvo de várias intimidações.

No começo da semana, o auxiliar de compras Cleodon Cordeiro da Silva, presidente da associação, levou ao conhecimento do 33º Distrito Policial de Piratuba uma ameaça gravada na secretária eletrônica do telefone da sede (011- 469.1821). A voz, identificada como "médico N.B.", garantia que seus membros não continuariam vivos após a formalização da primeira denúncia. A delegada Tânia Mara de Campos irá apurar a autoria da ameaça. A advogada da SOS, Deborah Zaborowsky, também tem recebido telefonemas intimidativos em sua casa.

"Não estamos interessados em brigar com a classe médica, mas trabalhar em conjunto pela prevenção do erro", sustenta Cleodon da Silva. Ele afirma que a morte de sua filha Daniela, de um ano e dois meses, foi provocada pelo mau atendimento prestado pela Clínica Infantil da Lapa. Segundo o auxiliar de compras da Voith, Daniela morreu em junho por culpa da

médica Eliane Carvalho. Embora o diretor da clínica, Adelson Alves, atribua o acidente a "uma fatalidade", Silva está processando a médica residente que teria mandado a criança para casa em grave estado febril.

A SOS conta hoje com 350 associados. O seu objetivo é orientar os procedimentos a ser tomados pelas vítimas de erros médicos, ou pelos seus familiares. Seus integrantes planejam montar atendimento jurídico dirigido especialmente a pessoas carentes, além de providenciar um acompanhamento psicológico para cada caso. O grupo mantém-se exclusivamente de doações. As reuniões com a diretoria são feitas no sá-

## Familiares de vítimas somam forças para melhorar atendimento médico no País

bado. Nesse dia, os interessados encaminham os seus problemas para a avaliação de advogados e, posteriormente, de um corpo médico voluntário.

No sábado passado, por exemplo, esteve ali pela primeira vez Nélia Nunes. Ela disse ter sido vítima de um erro médico há seis anos, no Hospital Montreal de Osasco. Nélia foi operada do menisco pelo cirurgião Agnaldo Alves Machado, do convênio Interclínica, e, segundo diz, tem hoje a sua perna direita amputada devido a um descuido médico. "Já consultamos um especialista para o seu caso e todos os indícios nos levam a crer que se trata de um

erro", afirma a advogada Deborah.

Geralmente essas vítimas acabam encontrando na SOS uma forma de unir esforços contra a ineficácia dos atendimentos médicos e decidem tornar-se voluntários do grupo. Foi o que aconteceu com a enfermeira Maria Margarida Schelert, que perdeu o filho Roges Daniel, de 15 anos, devido a uma suposta falha médica. Roges foi encaminhado ao Hospital Santa Helena em julho para ser operado de um pequeno coágulo no quadril (miosite ossificante). Como era enfermeira do hospital havia 24 anos, Margarida foi autorizada a assistir a operação pelos médicos Marino Lazzaresch e seu filho José Carlos, ambos professores da Escola Paulista de Medicina. Segundo ela, o seu filho não está mais vivo porque os médicos não souberam detectar em tempo, pelo monitor, a parada cardíaca que acredita ter sido provocada pela falta de regulação do aparelho de anestesia. A seu favor, a enfermeira mantém o relatório de três médicos.

"Vou processá-la por calúnia", garante José Carlos Lazzaresch. "Em toda a minha vida profissional nunca vi um acidente assim, mas não tenho idéia do que pode ter provocado a sua morte", acrescentou. Para médicos como Abram Topazewski, do Hospital Albert Einstein, a investigação do erro médico deve ser realizada com a ajuda dos profissionais de saúde. "Não devemos nos recusar a dar um diagnóstico correto para a Justiça em nome da ética médica", diz ele.

— O SOS funciona na rua Antônio Raposo, 241, Lapa —



César Diniz/AE

Maria Margarida: seu filho morreu diante dela, numa cirurgia

## Conselho suspeita de SOS

Heitor Buzzoni, diretor do Conselho Regional de Medicina de São Paulo, encara com reservas as atividades da SOS Erro Médico. "Temo que por trás da aparente iniciativa filantrópica haja interesses mercantilistas encobertos", suspeita. Ele imagina que o objetivo da associação seja angariar clientes para escritórios de advocacia e fundar, no futuro, uma apólice de seguro mantida com contribuições de médicos e pacientes.

A advogada Deborah Zaborowsky rebate tais acusações com veemência. Na opinião de Buzzoni, o maior interessado na constituição da SOS é o advogado José Beraldo, que também vem prestando serviços ao grupo. "O presidente da SOS é ape-

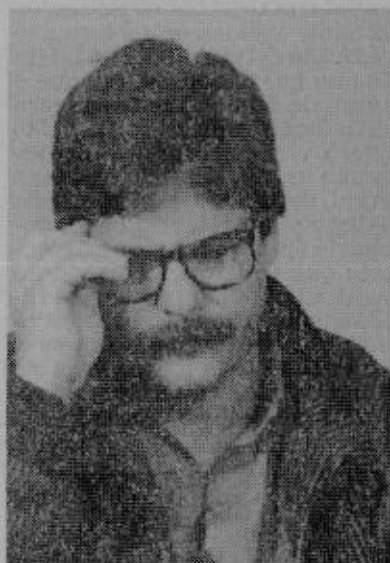
nas o testa de ferro dele", dispara.

O cunhado de Beraldo, Renato Columbara Vaz, de 14 anos, foi vítima de "negligência, imprudência e imperícia médicas", de acordo com o juiz Teodoro Lopes. Ele condenou em outubro do ano passado o médico Luis Roberto da Silva Lacaz, o anestesista Carlos Ferreira da Silva e a Santa Casa de Misericórdia de Mogi das Cruzes pelo acidente ocorrido há quatro anos com Renato. O garoto foi para o hospital para ser operado de apendicite e saiu de lá tetraplégico. Mais tarde, no Hospital Albert Einstein, constatou-se que ele fora vítima de anoxia cerebral.



César Diniz/AE

Edna e Cleodon: "Esforços pela prevenção do erro médico"



César Diniz/AE

Beraldo: vitória na Justiça